



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11164 - Resumo Expandido - Trabalho - XVI Reunião da Anped Centro-Oeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação

**GÊNEROS, SEXUALIDADES E BIOLOGIA EM REDES: COMPOSIÇÕES DE EXERCÍCIOS MENORES E RESISTÊNCIAS COM LIVROS DIDÁTICOS**

Sandro Prado Santos - UFU - Universidade Federal de Uberlândia

Elenita Pinheiro de Queiroz Silva - UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLANDIA

**GÊNEROS, SEXUALIDADES E BIOLOGIA EM REDES: COMPOSIÇÕES DE EXERCÍCIOS MENORES E RESISTÊNCIAS COM LIVROS DIDÁTICOS**

**Começando uma conversa, encorajando tecer resistências à invenção de uma forma**

*Já que tenho de salvar o dia de amanhã, já que tenho que ter uma forma porque não sinto força de ficar desorganizada, já que fatalmente precisarei enquadrar a monstruosa carne infinita e cortá-la em pedaços assimiláveis pelo tamanho da minha boca e pelo tamanho da visão de meus olhos, já que fatalmente sucumbirei à necessidade de forma que vem de meu pavor de ficar indelimitada – então que pelo menos eu tenha a coragem de deixar que essa forma se forme sozinha como uma crosta que por si mesma endurece, a nebulosa de fogo que se esfria em terra. E que eu tenha a grande coragem de resistir à tentação de inventar uma forma (Clarice Lispector (2017), A paixão segundo G. H, p. 13).*

A possibilidade de escrita desse texto nos encontra com vontade de (d)enunciar, como o romance de Clarice Lispector, formas, organizações; enquadramentos; endurecimentos; delimitação em tamanhos assimiláveis que inventam uma fôrma para o confinamento dos gêneros e das sexualidades a uma cartografia com narrativas estáticas de uma estruturação orgânica e organizada nas/pelas explicações biológicas – instituição de *usos maiores*, operando “*uma crosta [...] em terra*”: territorialidades na Educação em Biologia que, neste contexto, esfria as intensidades da “*nebulosa de fogo*” dos gêneros e das sexualidades, *formando uma educação em biologia maior*.

Mas o texto, também nos convida para a coragem de resistir e sentir forças que abrem brechas no que se vê e no que se diz aos/dos/com gêneros e sexualidades nos processos educativos, potencializando criações e experimentações que re-existem “*à tentação de inventar uma forma*”, movimentos de *uma educação em biologia menor*.

Diante de tal contexto, agenciamo-nos aos gêneros, às sexualidades e aos movimentos na constituição de territórios, mobilizando-nos o desejo de uma *educação em biologia menor* pela “[...] capacidade de não se render aos mecanismos de controle [...]”, funcionando como “[...] máquina de resistência” (GALLO, 2016, p. 70).

Propomos, então, a partir de uma pesquisa de *Estágio Pós-Doutoral* em Educação (de abril/2020 a março/2021) que buscou cartografar redes de conexões tecidas quando discussões de gêneros e sexualidades são colocadas em funcionamento nos Livros Didáticos (LD) de Biologia (PNLD/2018), pensar nos exercícios educacionais *menores* que foram acionados no encontro com gêneros e sexualidades e LD de Biologia. Apresentaremos aqui fragmentos da pesquisa realizada, objetivando dialogar com as *pequenas redes* que foram cartografadas e refletir as potencialidades delas na desterritorialização, ramificação política e enunciações coletivas aos territórios da Educação em Biologia.

### **Podemos (!) pensar a Educação em Biologia como território ético-estético-político**

A partir dos usos e aproximações das Filosofias da Diferença (DELEUZE; GUATTARI, 2011) e das teorizações filosófico-educacionais, dos conceitos de uma educação maior e menor, propostas por Sílvio Gallo (2016), enfatizamos que na Educação em Biologia, gêneros e sexualidades sofrem um enxerto, uma operação, tornando-os *maiores* ao serem: significados, representados, julgados, organizados, interpretados; e aí, sim, fazendo de alguns irrelevantes, des-im-potentes, (in)significantes. A contrapelo deste modo operativo, há uma Educação em Biologia outra, capaz de desterritorializar as constantes ou invariantes de uma *educação em biologia maior*, dando abertura para outros territórios e relações compositivas de linhas que fazem fugir lógicas normativas, universais e advir em cena *uma educação em biologia menor*.

Neste sentido, operamos com um conceito ampliado de Educação em Biologia, entendendo-a como um agenciamento territorial “[...] político, ético e estético [...]” (PARAÍSO; CALDEIRA, 2018, p. 14) em que gêneros e sexualidades, enquanto dispositivos (ZAGO, 2014; FOUCAULT, 1988), são (re)territorializados na organização e nas possíveis fissuras dos ditos e vistos que ecoam na produção de sentidos aos corpos.

Com isso, fomos compreendendo que a Educação em Biologia opera na coexistência: *ora* de superfícies de regulações; *ora* de resistências, enunciações coletivas, criações, aberturas, fugas e conexões. A consistência das territorialidades do Ensino de Biologia é enredada por linhas (de dispositivos) de regulações, sedimentações e atravessada por linhas outras que atuam na possibilidade de insurgências de redes perspectivadas de *uma educação menor*, e, aqui vamos denominá-las de *pequenas redes*. Desse modo, ao potencializarem tessituras outras as existências dos gêneros e das sexualidades, elas criam possibilidades ético-estético-políticas que se contrapõem à padronização, aos binarismos e exclusões das múltiplas formas de viver o/e com os gêneros e sexualidades.

Nessa seara, fomos compreendendo que a *educação em biologia menor* e suas

*pequenas redes* estão implicadas num processo de *devir* com os LD de Biologia (que produzem e são produzidos por redes): fazem rizomas (DELEUZE; GUATTARI, 2011); entram e provocam tumultos nos projetos significantes e convocam desterritorializações.

### **Educação em Biologia: enredando caminhos com a cartografia e os LD**

Os LD de Biologia, aqui, são compreendidos como tempos e espaços de diferentes velocidades, tecidos por linhas entrecruzadas *ora* por segmentaridades, territorialidades, *ora* por linhas de fugas, movimentos de desterritorialização. Compreensão que nos fez acionar a cartografia como modo de operação investigativa (DELEUZE; GUATTARI, 2011). T ecer e desenredar linhas de paisagens territoriais são funcionamentos da cartografia. A vitalidade e o fazer do/a cartógrafo/a “[...] vem do seu trabalho sobre as linhas [...] expor linhas e possibilidades por elas inauguradas, compondo um mapa de diferentes partes [...]” (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2014, p. 289).

No âmbito da investigação, nos concentramos nas dez coleções de LD de Biologia aprovados no PNLD/2018, totalizando 30 livros e suas redes: agenciamentos com textos, imagens, exercícios, indicação de leitura, sites e etc. Ocupamos de um lado do mapeamento das linhas de investidura em regulações e normatizações com centros de significância de um uso *Maior* da biologia, mas sobretudo da operação que compõe a maneira pela qual os LD podem fazer passar alguma coisa que escapa e fratura aos códigos, as *pequenas redes*.

### **A potência das redes entre Gêneros, sexualidades e Educação em Biologia**

As cartografias das pequenas redes (d)enunciam a prevalência de um campo de categorizações na tentativa de definir e criar uma semântica do dimorfismo sexual que importa. Tal esforço engendra os efeitos e as significâncias do sistema sexo/gênero, uma grade política que disputa e negocia a instituição de uma cartografia única dos *usos maiores* aos territórios da educação em biologia, reforçando a blindagem da heterossexualidade como regime político que organiza a Biologia.

As *pequenas redes* fizeram insurgir as alianças dos usos maiores que “[...] instituem e mantêm relações de coerências e continuidades entre sexo, gênero, prática social e desejo” (BUTLER, 2015, p. 43) e inflexionam a cisgeneridade (VERGUEIRO, 2015) como lugar de protagonismo explícito nas discussões de gêneros e sexualidades.

Elas, também, foram (de)enunciando linhas que privilegiam uma discussão brancocêntrica e eurocentrada, visibilizando a branquitude enquanto dispositivo (SCHUMAN, 2014) organizador das categorias de gênero e sexualidade nos territórios da Educação em Biologia, com intensificações de “[...] um projeto eurocêntrico de poder que opera no campo do ser e do saber, elementos constitutivos da colonialidade” (NASCIMENTO, 2020, p. 24). Linhas, de usos maiores (implicadas em privilégios materiais e simbólicos), que silenciam as relações interseccionais entre gênero, sexualidade e educação em biologia com os processos de racialização e de conhecimentos não-eurocentrados.

As redes (mesmo que *pequenas*) tecem uma prática política do currículo da biologia escolar – como um elemento que re-organiza, provoca ruídos e re-pensa as escolhas, a linguagem da pedagogia, sobretudo, a centralidade do caminho didático-pedagógico; a substancialização do gênero e da sexualidade como objetos ensináveis (RANNIERY, 2017), nos apontando que há elementos nos LD de Biologia que podemos nos conectar e se aliar as suas ramificações que nos põem a pensar gêneros e sexualidades que resiste “à *tentação de inventar uma forma*”. E assim, nos encorajando a re-acender “*a nebulosa de fogo*” – cartografias para além da anatomo-fisiologia, cisheteronormatividade e da branquitude - e não deixa-la “*que se esfria em terra*” - oferecendo caminhos possíveis de pensamento e de práticas outras nos modos de narrar (e constituir) a Educação em Biologia.

### **Conclu...indo: para pensar... e tecer... e encorajar... pequenas redes**

As pequenas redes e suas linhas espalham possibilidades de multiplicar discussões de gêneros e sexualidades por meio de uma prática pedagógica que suscite acontecimentos, aberturas de caminhos a partir do LD de Biologia para a experimentação do *fazer menor* na educação em biologia. Com elas, o espaço do LD permite experiências de desterritorialização e criação de linhas de fugas nos territórios instituídos, tecendo o LD em seu *dever-menor*. Diante disso, fica o desafio de compor outras cartografias.

**Palavras-Chave:** Cartografia. Educação em Biologia.

### **REFERÊNCIAS**

- BUTLER, Judith. **Deshacer el género**. Barcelona, España: Paidós, 2015.
- DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**, v.1. São Paulo: Editora 34. 2011, p. 17-50.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.
- LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G. H.**: romance. 1.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- NASCIMENTO, Carolina Cavalcanti. **Educação das Relações Étnico-raciais: branquitude e educação das ciências**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica). Florianópolis: UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, 2020, 147p.
- OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira.; PARAÍSO, Marlucy. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em Educação. In: MEYER, Dagmar Estermann.; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas Pós-Crítica em Educação**. 2ª edição. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014, p. 281-306.
- PARAÍSO, Marlucy.; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. Apresentação. In: PARAÍSO, Marlucy Alves.; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. (Orgs.). **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018, p. 13-21.

RANNIERY, Thiago. "Sexualidade na escola": é possível ir além da máquina de diferentes? In: MACEDO, Elizabete.; RANNIERY, Thiago. (Orgs.). **Currículo, sexualidade e ação docente**. Petrópolis: DP Et ali, 2017, p. 213-238.

SCHUCMAN, L. V. **Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo"**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. São Paulo: Annablume, 2014.

ZAGO, Luiz Felipe. Dobrando e desdobrando o gênero: por uma política de humanidade dos corpos. In: SANTOS, L. H. S. dos. et al (Orgs.). **Formação de professores/as em um mundo em transformação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014, p. 229- 244.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 244f. Dissertação de Mestrado – Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal de Bahia (UFBA), 2015.